



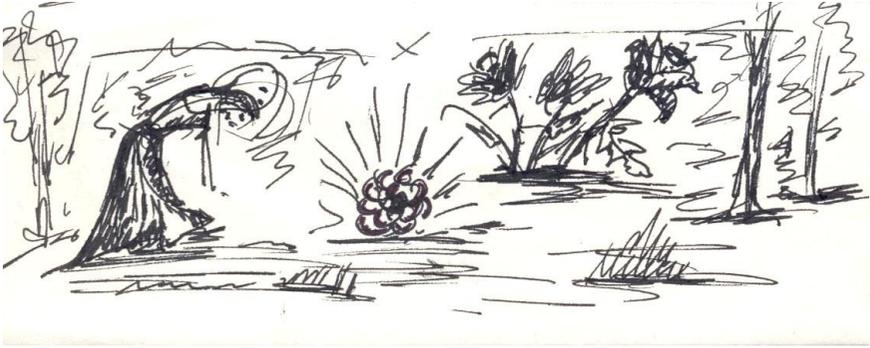
Adaflor

a menina alada

Era uma vez uma menina discriminada por ter nascida alada¹. Ela voava todos os dias para bem longe da civilização, para não ouvir as falácias da multidão. Lá do alto, observava os campos e as florestas que a faziam viver em festa. Numa bela manhã, um arco-íris surgiu em sua direção e chamou sua atenção, as cores eram tão cintilantes que refletiam até o horizonte. As nuvens brancas que estavam sobre sua cabeça, coloriam-se no céu, os campos, verde esperança viraram cor de mel.

Por causa daquela repentina transformação, ela ficou um tanto perplexa sem saber o que fazer com aquele diferente amanhecer. Então resolveu voar pertinho dos arvoredos que ficaram próximos dos seus dedos. Quando um outro acontecimento também chamou sua atenção, foi um brilho amarelo que surgiu do chão. Ela olhou

¹ Alada: que tem asas.



mais atentamente e avistou uma pequena rosa-de-ouro, que brilhava como se fosse um tesouro. A menina alada aterrissou ao lado de um roseiral e caminhou até a rosa-de-metal. Curiosa e surpresa, Adaflor aproximou-se do achado e pegou, com as mãos, o pequeno botão. De repente, a fantástica relíquia começou a faiscar e os seus raios apagaram o seu olhar. Imediatamente, Adaflor guardou a diferente rosinha em uma sacolinha que a sua mãe lhe deu quando ela nasceu. Sem visão e com aquela relíquia guardada, Adaflor seguiu a direção do vento, pois só tinha como bússola o pensamento. A escuridão era tanta que um medo abalou sua esperança, mesmo assim, continuou e num pequeno buraco tropeçou. Ela rolou pela mata verdinha que alguns espinhos retinham e seu peito feriu. Levantou-se com os joelhos ralados e

algumas lágrimas molharam até os seus lábios como um rio que se abriu. Então, Adaflor pensou em voar em direção ao mar, onde sua família poderia encontrar. Mas não enxergava o caminho da praia e nem sentia o cheiro da maresia. Contudo, arriscou-se num vôo e no escuro planou. Nessa hora imprudente encontrou pela frente uma árvore inconveniente que resolveu atrapalhar o seu voar. Adaflor bateu com o rosto no galho do ipê-roxo que logo quebrou. Ela aproveitou o incidente, agachou-se com o corpo dormente e pegou aquele pedaço de pau, que lhe serviu de guia, naquela manhã tão vazia de um encontro casual.



Acostumando-se ao cajado, apalpava o que estava a seu lado e assim prosseguiu por caminhos que nunca existiu. Depois de tanto andar, sentiu uma chuva fininha que logo se transformaria em um temporal. A coitada da Adaflor, cega e desorientada, logo se perguntou:

—O que fiz para obter esse sofrimento, pois não provoquei nenhum desalento? Só amei as flores e os campos, ajudei a enxugar os prantos daqueles que passaram por mim. Agora estou sozinha, debaixo dessa água fria, sem saber aonde ir.

Irada e atormentada, Adaflor pegou a suposta bengala e começou a girar sobre a cabeça, para ver se encontrava uma solução, naquela desesperada ocasião. Quando a sua escora bateu no ninho de um bem-te-vi que estava a dormir. O pássaro acordou assustado e voou de lado para o pau não lhe acertar. Naquele instante, a ave olhou para trás e avistou um gavião feroz, que vinha lhe trucidar. Foi aí que o bem-te-vi descobriu alegremente que a cega apareceu de repente para lhe salvar. Por agradecimento, ele pousou no ombro de sua heroína e como uma flauta fina, começou a cantar: Bem-te-vi! Bem-te-vi! Bem-te-vi!

Depois da cantoria, Adaflor já não estava desamparada, pois um amigo encontrou naquele momento de pavor. Ela seguiu sua jornada, com a chuva sobre seu corpo e uma dificuldade encontrava para enfrentar os arbustos e os espinhos que estavam no seu caminho. O bem-te-vi presenciando aquela ceguinha mancando, penalizou-se e saiu a voar, na intenção de lhe ajudar. Orientou-a com seu canto, até uma pequena caverna vazia, que a acomodaria naquele sombrio lugar. Ali, Adaflor chorou como uma criança perdida, sem o amparo da vida que o destino criou naquele momento de terror. O bem-te-vi ficou ao seu lado como um dedicado namorado e por ela também chorou.

Após a chuva e o descanso, Adaflor continuou seguindo o canto do novo amigo que a levou a um bananal. Com o olfato e o tato, ela encontrou as bananas maduras e comeu como um animal, pois só havia secura no seu ventre estomacal. Saciada, pegou sua bengala e afastou-se entre as folhas molhadas. Naquele doce instante, o pássaro voltou a cantar e levou-a até um riacho para se

banhar. Adaflor lavou os pés e o rosto, com as mãos fabricou um cocho² e bebeu como um camelo e sentou-se num barreiro. O seu fiel escudeiro pousou ao seu lado, parecendo desesperado e novamente danou a cantar. Adaflor ouvia o canto repetido que irritava seus ouvidos e começou a falar:

__Amigo bem-te-vi, parece que está querendo dizer algo para mim, mas não consigo entender o que vem de você. Eu me chamo Adaflor e, por favor, cante devagarzinho que tentarei ouvir com o coração, o que quer dizer essa canção.

Foi aí que o bem-te-vi saiu do seu lado e pousou numa rosa e cantou todo prosa. De repente, Adaflor simplesmente compreendeu o que havia naquela canção. Os cantos eram decifrados e transformados em pura conversação, e o pássaro dizia nessa cantoria:

__Obrigado, Adaflor! Pois você me salvou das garras daquela ave de rapina. Obrigado! Obrigado! Obrigado!

A menina ficou paralisada e assustada, pois nunca ouviu um bem-te-vi falar. Comovida, ela respondeu a quem lhe comoveu.

2 Cocho: espécie de vasilha, em geral feita com um tronco de madeira

Depois de tanto conversar, o pássaro pegou a rosa em que estava pousado e com todo cuidado entregou a Adaflor que nos cabelos colocou. Pouco a pouco as pétalas da rosa vermelha se movimentaram e todas se encontraram como lábios a se mexer. Adaflor amedrontada com os movimentos em sua orelhinha, perguntou a bela florzinha, o que estava a acontecer:

__Você está viva?

A rosa respondeu na maior simplicidade, não percebendo nada de anormal, emitiu um som destemido e lhe falou afinal:

__Claro que sim! Estou tão viva quanto você.

Adaflor se espantou com a declaração, pois a flor não emite sonorização. Mesmo assim, continuou a indagar a rosa cheirosa, que toda dengosa, teimava em falar:

__Não acredito, você também fala?

__Claro que sim! Você nunca conversou com um botão?

__Claro que não! Isso não é real! A rosa não emite fonema verbal.

__Eu não tenho nada com isso, se você não acredita em mim. Eu só sei que todos que se aproximam também falam tintim por tintim.

__Então foi isso? O bem-te-vi começou a falar quando pousou em você na hora de cantar?

__Claro que sim! Só agora você percebeu que todas as rosas nesse lugar têm um talento particular.

__Quer dizer que elas possuem personalidade?

__Você demora a assimilar o que estou tentando lhe relatar! Agora, diga-me o seu nome?

__Eu me chamo Adaflor e fiquei cega quando a rosa-de-ouro, que achei no chão, brilhou tanto que apagou a minha visão.

__Isso não é nada! Também nasci sem visão e só sinto o que vem do coração. Percebo que és boa e tens um caminho a percorrer, se quiseres, também irei nesta aventura para descobrir onde nasce o sol e onde morre a lua. Se concordar, toda vez que caminhar, nascerá um pé-de-rosa para trocarmos uma prosa.

__Tudo bem! Mas você não falou o seu nome também.

__Eu sou a Rosa-Sapiência, que usa a inteligência para o bem.

__Então vamos andando, porque o tempo não pára, pra ninguém.

Assim, as duas seguiram o caminho com o bem-te-vi voando baixinho, como um guardião. E pela estrada que Adaflor pisava, nasciam rosas coloridas com espinhos desalmados que protegiam os seus cabos contra suposta invasão. De repente, surgiu pela frente um barulho que assustou Adaflor, era uma cobra venenosa que vinha raivosa em sua direção. Quando a serpente se aproximou, Sapiência falou com certo temor:

__Adaflor! Dê dois passos para frente e depois fique paralisada e não fale nada, que tudo vai resolver.

Adaflor deu os dois passos e nasceu uma roseira com flores amarelas que o bem-te-vi pousou em seu botão. De súbito, o pássaro ficou mais veloz e voou com o bico aberto para ficar mais esperto. A seguir, deu quatro rasantes sobre a serpente que a fez parar de rastejar. Aproveitando a momentânea situação, voou como um raio e pegou de surpresa a venenosa com uma força estrondosa, e a jogou em um buraco vazio, que ficava na beira do rio. Depois de vencer a batalha, lembrou-se do gavião-carcará, que o seu ninho foi atacar quando conheceu Adaflor. Por coincidência olhou para o céu e viu quando o

perverso passou. O bem-te-vi voou como um foguete atrás do gavião, o seu inimigo também o avistou vindo em sua direção. O carnívoro preparou as garras para atacar o bem-te-vi que estava próximo de si. Os dois olharam-se no ar quando uma nuvem passou na frente do nosso pequeno voador. O bem-te-vi aproveitou a oportuna ocasião e por trás da nuvem se alinhou, confundindo o gavião. A ave de rapina percebeu a intenção do adversário e tentou desviar daquele golpe de ar. Nesse segundo, o pequeno guerreiro, com grande precisão acertou a asa esquerda do gavião. Desequilibrado, o malvado e traiçoeiro caiu em cima de um jambeiro que ficava ao lado de um lameiro. O bem-te-vi aterrissou na cabeça do gavião, estufou o peito e falou para o sujeito:

__Nunca mais comerás os filhotes dos ninhos, se fizeres, irei atrás de você e com certeza vai se arrepender.

O gavião abaixou o bico, encolheu a asa quebrada e falou com um sofrido grito.

__Bem-te-vi, nunca vi ninguém lutar assim, no entanto você venceu. Eu lhe prometo que jamais comerei os filhotes dos ninhos e nem os ovos dos passarinhos.

O bem-te-vi com ar de vencedor respondeu ao perdedor:

__Gavião! É isso que eu gosto de ouvir. Agora vá embora para nunca mais voltar, porque aqui não é mais o seu lugar.

A ave de rapina levantou-se machucada e desapareceu como uma alma penada. Depois da lição imposta ao gavião, o bem-te-vi declarou para Adaflor e Sapiência o que dizia sua consciência:

__Eu sou o maior guerreiro que nasceu nessa floresta. Vocês não precisam se preocupar, enquanto eu estiver nesse lugar.

Após a declaração, o bem-te-vi pegou o botão de rosa-amarela em que ele pousara antes de enfrentar as feras e entregou a Adaflor, que na sacolinha colocou. A menina continuou surpresa, por descobrir que o bem-te-vi lutava como um campeão e perguntou a sua conselheira porque a transformação.

__Sapiência, como pode um bem-te-vi enfrentar um gavião e uma serpente? Ele é bem mais fraco do que a gente.

Sapiência sorriu e lhe contou como tudo começou:

__Querida Adaflor! É bem fácil entender, é só querer!

__Então, diga-me logo e sem embromação, pois quero saber a sua explicação!

__Adaflor! Quando você pisou no chão e deu dois passos para frente, criou-se uma nova roseira e o bem-te-vi pousou em seu botão, transformando-se em um verdadeiro campeão. Eu não te falei que todas as rosas neste lugar têm um talento particular. Essa se chama Rosa-Guerreira, a que luta a vida inteira para sobreviver.

Nesse momento, Adaflor entendeu o que de fato aconteceu. A rosa-amarela deu personalidade ao bem-te-vi e fez dele um guerreiro para lutar o ano inteiro. Pelo aprendizado, Adaflor agradeceu a quem lhe respondeu:

__Obrigado, Sapiência, por me ensinar! Só assim, irei evoluir com as coisas que aprendo aqui.

__Adaflor! Não precisa agradecer, pois gosto muito de você. Essa é minha missão, passar ensinamentos para um bom coração.

Adaflor continuava a caminhar por um bom tempo com Sapiência na cabeça e o bem-te-vi voando a favor do vento. Contudo, um silêncio profundo, tomava conta daquele lugar, que

assustava todo mundo e fazia a alma calar. Adaflor só sentia a brisa bater em seu corpo quando o bem-te-vi por descuido pisou em uma rosa-branca e começou a rezar com o papo para o ar:

*__Bem te vi, mãe natureza, por criar a floresta!
Bem te vi, mãe natureza, por criar as flores!
Bem te vi, mãe natureza, por criar os amores!
Bem te vi, mãe natureza, por criar a chuva!
Bem te vi, mãe natureza, por adocicar as uvas!
Bem te vi, mãe natureza, bem te vi!*

Adaflor, ao ouvir a oração, ajoelhou-se como fosse pedir perdão. Mas resolveu perguntar, antes de suplicar:

__Sapiência, o que está acontecendo com esse passarinho que desembestou a rezar sozinho?

__Adaflor, não se preocupe! O bem-te-vi pousou na Rosa-Maria que reza noite e dia, para o mundo melhorar.

__Se é assim, tudo bem! Precisamos sempre de um alguém para nos direcionar e nos proteger dos perigos que poderemos encontrar, nesse imprevisível lugar.

Com aquela sublime declaração, Adaflor, Sapiência e o bem-te-vi pararam embaixo de uma

roseira e rezaram à manhã inteira, quando uma brisa densa se apresentou como condutora de bondade e o ambiente virou símbolo de felicidade. Adaflor e Sapiência não tinham visão, mas sentiam uma grande emoção ao pressentir uma calorosa aproximação. O bem-te-vi começou a chorar quando a deusa Flora apareceu e encantou o seu olhar. A bela rainha vestia uma roupa de folhas de roseira, na cabeça flutuava uma coroa de rosas cor-de-rosa que exalavam aromáticos odores que perfumavam todas as flores. Ela se aproximou como um suave vento, estendeu a mão e fez aparecer um lenço, que enxugou os olhos do bem-te-vi. Nesse momento, o pássaro recolheu as asas e ajoelhou-se para agradecer a milagrosa aparição, que deu mais fé ao seu coração. Adaflor, sentindo o amor que envolvia aquela magia, pediu a deusa Flora um rosário para amenizar a sua dor, nos momentos de calvário. Sapiência, com a sua profunda inteligência, preferiu ficar quieta e sentir a fragrância que a deusa deixou exalar, naquele abençoado lugar. Os três ficaram anestesiados, como estivessem em uma outra localidade, longe

dos atritos, perto dos amores, junto dos sonhadores.



Depois da bendita aparição, Adaflor continuava caminhando com o bem-te-vi substituindo a sua visão. Alguns quilômetros seguiram e o sol ficou a pino que secou algumas folhas que caíram sem destino. O barulho das folhagens se misturou com o assobio do vento que trazia um tormento que abalava Adaflor. O bem-te-vi continuava rezando, quando a menina cega teve um plano e o convocou:

__Bem-te-vi, faça-me um favor. Voe bem alto e siga a corrente do vento, para ver se encontra uma saída, pois não agüento ficar perdida. O pássaro obedeceu e quando a asa bateu uma

rajada de ar o jogou em cima de uma rosa-louca, com finos espinhos, que o fez dormir como filhote de passarinho. Quando acordou, Adaflor e Sapiência estavam a seu lado e logo perguntaram: __Bem-te-vi, você está bem? Pensei que estivesse doente, porque ficou um bom tempo sem falar com a gente.

O bem-te-vi levantou com o espinho cravado na perna e com o bico retirou o espeto que o machucou. Instante depois, arregalou os olhos e falou com um ar superior:

__Vocês não precisam se preocupar, estou bem e não devo nada pra ninguém.

Depois da inesperada resposta, o bem-te-vi bateu asas e penetrou na mata escura como não precisasse nem do sol e nem da lua. Momentos depois, ele voltou ressabiado, pousou no ombro de Adaflor e cochichou ao seu lado.

__Adaflor, quero falar com você, mas Sapiência não pode escutar o que tenho a lhe dizer.

Adaflor pediu licença a Sapiência e a colocou atrás de um pé de sapoti³, para protegê-la do

3 Sapoti: fruto carnudo, muito saboroso.

vento que poderia provocar um tormento. A seguir, afastou-se com o bem-te-vi até o lameiro e ali escutou o mensageiro:

__Adaflor, o que tenho a dizer-lhe, tem que ficar em segredo. Pois se trata de uma revelação que contarei cortando o meu coração.

Adaflor ficou preocupada e desarmada, prometeu segredo particular das coisas que ia escutar. O bem-te-vi sorriu e começou a tagarelar a história que ouviu quando ele sumiu.

__Adaflor, depois que me espetei, voei e atravessei o lameiro, conseqüentemente encontrei um bacurau preso no brejeiro, o salvei daquela situação, por agradecimento, ele me fez uma revelação.

Adaflor ficou curiosa e pediu ao bem-te-vi que continuasse a prosa.

__Adaflor, o bacurau⁴ disse-me que vinha nos seguindo desde quando o gavião atacou-me e você salvou-me. Ele estava por trás de uma mangueira e ouviu Sapiência tramar, com uma outra roseira, o seu fim. Elas planejaram que no término dessa

4 Bacurau: Ave de plumagem mole de hábito noturno.

caminhada, a jogaria em um perigoso labirinto para servir de alimento a uma erva daninha, que a comeria.

Adaflor com um grande pavor, perguntou ao delator:

__Bem-te-vi, por que essa erva se interessou em me destruir?

__Adaflor, vê se entende, a sua morte interessa a muita gente.

__Como assim? Explique-me melhor, pois quero saber em que confusão eu fui me meter.

O bem-te-vi respirou no infinito, fechou as asas e abriu o bico:

__Adaflor, essa erva se alimenta de roseiras e meninas aladas, que são muito raras. Se daninha sair do labirinto, comerá todas as roseiras que habitam essa fronteira. Por isso, Sapiência vai trocar a sua vida pela preservação das suas amigas, que são as rosas coloridas.

Adaflor, assombrada com a notícia, chorou por sentir-se traída por Sapiência, a rosa da inteligência. Lembrou-se das palavras doces que ela dizia, dos ensinamentos e das romarias. Momento seguinte tentou enxugar as lágrimas que não paravam de brotar do seu olhar, sentou-se em

uma pedra, colocou a cabeça entre as pernas e continuou a soluçar. Depois de restabelecida, levantou-se em um triste silêncio e esticou a mão, pedindo ao bem-te-vi que a orientasse e a levasse para outra região. O pássaro observando a tristeza da menina foi ao bananal e trouxe como presente uma banana-ouro que lhe deu como se fosse um tesouro. Adaflor degustou com um desânimo total e engoliu só para agradar o pequeno animal. Depois de consumir a deliciosa fruta, Adaflor colocou a casca da banana em cima de um galho, próximo de um carvalho⁵. Quando o distraído bem-te-vi caiu em cima de uma rosa-anil. Naquele instante, os seus olhos azularam e começaram a estufar como se quisesse saltar. O bem-te-vi voou para o colo de Adaflor e nos seus braços ficou e dormiu. Quando acordou, ele chorou por um bom tempo e depois expôs o seu sentimento:

__Desculpe-me, Adaflor! Desculpe-me Adaflor! Eu não mereço ser seu amigo, porque magoei o seu coração e não mereço o seu perdão.

5 Carvalho: Árvore que prefere viver nas margens dos rios e lagoas



Adaflor não compreendeu os pedidos de desculpas do bem-te-vi. No entanto, declarou o que seu coração mandou:

__Bem-te-vi, não fique assim. Você não fez nada de mal para mim. Simplesmente, me alertou sobre Sapiência, que dizia ser minha amiga, mas desejava a minha vida para trocar pelas rosas coloridas.

__Não é nada disso, Adaflor! Eu menti e criei essa história para ti, porque invejava a sua

amizade com Sapiência. Não suportava vê-las contentes, com isso me sentia doente quando vocês conversavam alegremente. Não existe nenhuma daninha querendo te comer e nem desejando você. O bacurau, que salvei do lameiro, também foi uma invenção para criar essa confusão.

Logo após ouvir a confissão do bem-te-vi, Adaflor descobriu que também errou e sentiu uma angústia no peito, por desconfiar da sua melhor amiga e condená-la sem escutá-la. Imediatamente pegou o seu cajado e andou apressadamente ao encontro de Sapiência, mas não conseguia achá-la, pois não podia enxergá-la. O bem-te-vi arrependido emitiu um canto sofrido e orientou Adaflor, que na sua amiga chegou. Ao aproximar-se de Sapiência, Adaflor contou todo o ocorrido e pediu-lhe desculpas por ter dado ouvidos a quem dizia ser um bom amigo. Sapiência disse com uma extrema consciência:

__Adaflor, não se condene em pensar que eu a traí. No entanto, todos nós somos errantes, mas o importante é redimir. Você continua sendo Adaflor, a menina alada, a minha querida amiga que sempre estará em minha vida.

Nesse instante, Adaflor compreendeu que não podemos tirar conclusões precipitadas para não condenar as pessoas erradas e refletiu sobre tudo que ouviu.

Passado o momento de reflexão, Sapiência perguntou a Adaflor pelo bem-te-vi, pois queria lhe falar o que de real aconteceu ali. Adaflor começou a chamar pelo pássaro, mas ele não respondia, porque já não estava presente, naquele momento tão inconveniente. Na verdade, o bem-te-vi fugiu com vergonha de Sapiência e de Adaflor, por ter mentido e criado um clima de inimigos. Ele voltou para o seu antigo ninho e ficou bem escondidinho. Naquele instante, Adaflor e Sapiência ficaram desorientadas e apavoradas por precisarem do olhar do bem-te-vi para tirá-las dali. Com certeza, elas iriam se perder e conseqüentemente morrer abandonadas na mata escura, sem chance de sobreviver, e assim, se conscientizaram que ninguém vive sozinho, que precisamos uns dos outros para seguir os nossos caminhos. Repentinamente, Sapiência propôs a Adaflor que rezasse com fé para que o mundo não as abandonasse e alguém as encontrasse. Adaflor pegou o rosário da sacolinha e rezou com a sua

querida florzinha. As suas vozes foram invadindo toda a floresta, até que chegaram ao ouvido do bem-te-vi. Nesse doce instante, ele também se conscientizou que Sapiência e Adaflor precisavam dos seus olhos como condutor.



O bem-te-vi saiu do ninho e voou em busca do seu primeiro amor que se chamava Adaflor, quando a encontrou, começou a cantar, uma triste canção que comoveu o seu coração. Os dois começaram a chorar como estivessem a reatar uma breve separação. Sapiência se comoveu e pediu ao bem-te-vi para lhe ouvir:

__Meu amigo passarinho, não precisa ficar triste e sozinho, pois amamos você. Na realidade, a sua

boca não foi mentirosa e nem fofoqueira, mas trouxe infelicidade para os que lhe amam de verdade.

O bem-te-vi não entendeu a profundidade das palavras de Sapiência e pediu explicação para seu inquieto coração.

__Bem-te-vi, não se esqueça que vivemos em uma mata encantada e que as rosas que nascem nesse lugar têm um talento particular. Quando você foi espetado pela rosa-louca, ela o transformou em mentiroso, invejoso e fofoqueiro para trazer desarmonia ao mundo inteiro. A rosa-louca é a rosa da infelicidade e só traz maldade. Agora você está arrependido e sofrido, porque também pisou na rosa-azul. Naquele momento, sua alma foi transformada e novamente modificada, porque a rosa-azul é a flor da amizade e fortalece a lealdade. Por isso, você padeceu com o que aconteceu.

__Sapiência, quer dizer que eu não tive culpa por essas intrigas?

__Claro que não, você foi vítima dessa transformação!

Após a explicação de Sapiência, o bem-te-vi voltou a cantar com o papo para o ar. Adaflor

pegou o seu cajado, ajeitou Sapiência nos cabelos dourados e acompanhou a canção que a levaria ao encontro da sua satisfação. Alguns passos deram e descobriram que conseguiram atravessar a mata Atlântica. Por sua vez, eles descansaram debaixo do último pau-brasil que na frente do bem-te-vi surgiu. Adaflor com todo o amor, perguntou a Sapiência o que iria fazer naquele entardecer. A bela florzinha arrepiou algumas pétalas do seu botão e disse com uma grande frustração:

__Adaflor, aqui terminou a minha missão de levá-la até ao último pau-brasil. Foi o que sobrou depois que o homem surgiu.

Adaflor sugeriu a Sapiência que rezasse para a deusa Flora para orientá-la e dizer o que fazer antes do escurecer. Sapiência pediu emprestado o rosário da menininha e rezou sozinha:

__Bem te vi, mãe natureza, por criar a floresta!

Bem te vi, mãe natureza, por criar as flores!

Bem te vi, mãe natureza, por criar os amores!

Bem te vi, mãe natureza, por criar a chuva!

Bem te vi, mãe natureza, por adocicar as uvas!

Bem te vi, mãe natureza, bem te vi!

Depois da contemplada oração, uma nuvem densa se formou e encobriu toda a região. Era a deusa Flora, toda de rosa com a sua coroa flutuante e a sua roupa esvoaçante. Ela saiu por detrás de uma roseira que exalava deliciosos odores como flocos de amores. A encantadora deusa se dirigiu para Adaflor e pediu-lhe que pegasse a rosa-de-ouro que ela guardou na sacolinha quando ficou ceguinha. Adaflor obedeceu e segurou o botão com as mãos e estendeu para a deusa Flora que logo soprou de dentro para fora. Foi aí que a rosa encantada começou a brilhar como um sol a se espalhar sobre o corpo de Adaflor. Repentinamente, a menina alada abriu os olhos e novamente enxergou a luz do dia que definitivamente espantou a sua melancolia. Por tudo que aconteceu, Adaflor chorou intensamente e agradeceu pela dádiva que recebeu.

Depois que a menina recuperou a visão, Flora



pediu que o bem-te-vi pegasse com o bico cada rosa que pousou e colocasse na sacola de Adaflor. O bem-te-vi também obedeceu e nas roseiras colheu os botões coloridos. Foi então que a deusa sugeriu que Adaflor rezasse com todo o amor que mais um milagre aconteceria naquele momento de tanta euforia. E assim foi feito, Adaflor rezou direito com uma grande alegria no peito. Logo depois, o bem-te-vi cresceu e o seu bico encolheu, transformando-se em um lindo menino alado, parecendo com o namorado que Adaflor sempre

sonhou, mas nunca contou. Eles se olharam com uma grande ternura e se abraçaram como o sol e a lua. Adaflor, curiosa, perguntou toda dengosa:

__Garoto, qual é o seu nome?

__Eu me chamo Divino, o bem-te-vi que virou menino.

__Por que você nunca me falou que também era um menino voador, pois estava sempre do meu lado e a oportunidade não lhe faltou?

__Adaflor, só agora eu compreendo o que realmente aconteceu. Antes de ser um bem-te-vi, eu também era um menino alado, que voava por esses lados, quando encontrei uma rosa-de-ouro no chão, a preciosidade brilhou tanto no meu caminho que virei um passarinho. Eu não lhe disse nada porque a minha memória se apagou. Agora que voltei a ser um menino, lembro-me de tudo desde o dia em que nos encontramos e nos apaixonamos. Por isso, obrigado, Adaflor, pois você mais uma vez me salvou. Obrigado! Obrigado! Obrigado!

Após esse emocionado esclarecimento, a menina alada abraçou com suas asas o menino Divino e deu-lhe um beijo na face, fortalecendo o enlace. Flora ficou observando os dois

conversando como Julieta e Romeu e nessa hora de carinho, interrompeu os dois pombinhos como fossem filhos seus.

__Agora, vocês terão uma enorme responsabilidade de preservar com vontade essa mata atlântica. Serão elos de união entre os rios, as florestas e os animais e governarão com compreensão, porque aprenderam com as rosas coloridas como é feita a vida em momentos de feridas.

O menino e a menina alada bateram as asas e voaram por um instante e se beijaram sobre alguns montes, depois voltaram como um planador e aterrissaram nos pés de Flora, a sua eterna senhora. A deusa deu um sorriso e proferiu o que sua boca emitiu:

__Adaflor, Divino e Sapiência, virá o momento mais importante para a nossa existência, para isso acontecer devemos fazer um rito de muito amor para que a semente germinada preencha a lacuna deixada nessa mata encantada.

Flora fechou os olhos, pediu a Adaflor e Divino que dessem dois passos para frente que nasceria uma roseira diferente, para encantar os seus corações. Os dois obedeceram, os passos

deram, e para ser sincero, nasceu uma roseira sem flor que crescia lentamente com galhos eloqüentes⁶ que cativavam o amor. Nessa hora sublime, a deusa solicitou que Adaflor e Divino pegassem Sapiência e a colocassem na roseira sem botão. Depois pediu que os dois se ajoelhassem com as mãos dadas e lembrassem o que passaram na mata fechada, nos momentos de dor. Assim eles fizeram e um arco-íris surgiu e a deusa flora sumiu e ninguém mais a viu. Logo a seguir, Sapiência também desapareceu como um passe de mágica.

Adaflor e Divino não entenderam por que os deixaram sozinhos, naquele momento de revelações e de muitas interrogações. No entanto, uma luz brotou do céu como gotas de mel e apareceu uma outra rainha com um bastão na mão e dizia com convicção: Adaflor e Divino, eu sou a deusa do destino. Antes me chamavam de Sapiência e era a rosa da inteligência que caminhou com vocês. Agora, sou uma divindade e estou aqui para ajudá-los nos momentos mais difíceis, nas dúvidas que existem sobre o futuro de vocês. Mas o destino não sou eu que traço, apenas

⁶ Eloqüência: Capacidade de falar e exprimir-se com facilidade.

oriento para tomarem a melhor decisão e seguirem o caminho do coração. Perguntem o que quiserem que eu responderei com a maior sinceridade para vocês.

Foi aí que Adaflor aproveitou e perguntou o que a sua cabeça mandou:

__Sapiência, como pode uma rosa falante se transformar em uma deusa exuberante?

__Adaflor, já não me chamo Sapiência. Eu lhe falei que, nesse lugar, todas as rosas têm um talento particular. A deusa Flora me escolheu para essa função, pois não havia outra a disposição.

__Então, a senhora pode me responder, uma dúvida que tenho a esclarecer?

__Adaflor, claro que sim, pode perguntar para mim!

__Senhora deusa, se o meu destino é proteger essa floresta, então, como irei fazer se terei que voltar para casa ao anoitecer? Será que terei que optar entre a mata e a minha família? Se for isso, não me peça por favor, pois não conseguirei viver sem aquele amor!

__Adaflor, não precisa se preocupar, pois tenho o poder de mudar a direção das nuvens, a

correnteza dos rios e preencher os campos vazios. Por isso, preste atenção no que vou lhe dizer, pois não repetirei a você: voe para casa, e quando chegar deite-se em sua cama e durma um sono profundo, quando acordar tudo se resolverá num segundo.

Adaflor ficou perplexa sem entender, mesmo assim, confiou e novamente perguntou:

__E o menino Divino, vai ficar sozinho sem destino?

__Adaflor, o que falei para você também se aplica para o seu amigo. Leve-o para a sua casa e deixe-o brincando no quintal com a bola que o seu irmão ganhou no natal.

Adaflor ficou agitada por não entender nada e reclamou:

__Senhora deusa do destino, pode me explicar essa embromação, pois a minha cabeça está uma confusão?

__Adaflor, não diga mais nada e confie no seu destino!

Adaflor se calou, pegou Divino pelas mãos e voaram a favor do vento até a sua mansão. Quando chegaram, a casa estava escura, mas a janela do quarto estava aberta, recebendo a luz

da lua. No quintal, a claridade lunar refletia uma bola que o menino alado se interessou e com ela brincou. Adaflor foi para sua cama como a deusa mandou, ali dormiu como um anjinho e roncou baixinho.

Pela manhã, um ruído acordou Adaflor, era uma bolada na sua janela que a despertou. A menina coçou os olhos, esticou os braços, calçou as sandálias e se dirigiu até o espelho para se pentear, quando algo a fez assombrar. A sua asa já não existia e nem o rosário que a encobria. Então, correu para o quintal, procurou Divino e não achou o menino. Naquele instante, ela chorou intensamente por descobrir que apenas sonhou com a floresta encantada, com as rosas que falavam, com o menino que voava. Adaflor voltou cabisbaixa para o seu dormitório, sentou-se num banquinho ao lado do beiral da janela, onde existiam muitas flores de várias cores. Quando surgiu pela frente, um sol diferente que ficou a faiscar. Entre as suas luzes vinha um bem-te-vi-de-gamela que pousou em sua janela e ficou a cantar, como quisesse algo lhe falar. Adaflor lembrou-se do seu sonho e que podia se comunicar com o passarinho, então fechou os

olhos e se concentrou no cantinho, pouco a pouco Adaflor começou a entender o pitangúá⁷ quando começou a cantar. E ele dizia com uma enorme maestria:

__Querida Adaflor, não fique triste assim, pois estou aqui! Quando a lua chegar nós voltaremos para a floresta e viveremos em festa. Agora vou embora para depois voltar e te levar comigo. Essa é a minha missão, pois você me salvou daquele gavião.

Naquele segundo, um cheiro profundo aromatizou todo ambiente e o bem-te-vi sumiu na sua frente. Adaflor ficou pensativa e indecisa entre a realidade e o sonho. Foi ao jardim e pegou algumas rosas e as colocou nos cabelos e assim passou o dia inteiro. Quando a lua chegou, Adaflor já estava cansada de tanto meditar e dormiu apaixonada com os olhos para o ar. Na madrugada, um barulho a acordou, quando abriu os olhos, o menino alado encontrou. Ele estava em pé com uma bola na mão e deu um sorriso que abalou o seu coração. Adaflor já não ficou surpresa e o abraçou como um presente que ganhou. Depois foi ao espelho se arrumar e viu

7 Pitangúá: O mesmo que bem-te-vi em tupi-guarani.

a. sua asa voltar. Adaflor olhou para Divino, deram as mãos e voaram para os seus destinos em uma só direção. O ciclo se repetia todos os dias, e até hoje, Adaflor não descobriu se a sua missão era apenas um sonho de realização ou uma realidade encoberta pela sua imaginação. Mas já não importava para Adaflor saber a verdade, o que interessava era ter felicidade em transformar aqueles que cortam as árvores.



Assim Adaflor prosseguiu na sua missão, acreditando no destino e segurando Divino pelas mãos. Anos se passaram, a mata foi recuperada, o

*ibirapitanga*⁸ já havia na longa estrada. Numa bela manhã, Adaflor sentou-se em uma pedra, na beira do rio e um barulho provocou-lhe calafrios, era uma motosserra que estava cortando um carvalho, ele gritava com uma enorme dor e chamava pela Adaflor:

__Socorro, Adaflor! Socorro, Adaflor! Não deixe ela me cortar, por favor!

A menina alada voou desesperada e convocou a serpente e o gavião que imediatamente atenderam a sua solicitação. Eles atacaram o perverso homem e o fez correr, ela salvou o carvalho que estava quase a morrer. Por fim, todas as árvores da floresta cantaram em coro a bela canção que comoveu o seu coração:

__Obrigado, Adaflor! Obrigado, Adaflor! Pois você nos salvou daquele pior predador.

⁸ *Ibirapitanga: Sinônimo de pau-brasil em tupi-guarani.*

FIM

Rosa

**Chamo-me Rosa
Mãe de todas as flores
Onde poetas e prosadores
Inspiram-se em meu botão**

**Chamo-me Rosa
Para que saibam
Que o meu nome reluz
Sob o brilho da luz**

**Vivo com os espinhos
Entre as folhas e os galhos
Sustentando a ilusão
De um dia ter uma paixão**

**Se não for digna dessa grandeza
Consolar-me-ei com a beleza
Para aguar o jardim
Que floresce dentro de mim**

**Pois sou apenas Rosa
Aquele que exala alegria
Que almeja um coração
Para fazê-lo apaixonar-se
Por um outro botão.**

Leitores de plantão.

Pela manhã, sinto-me um Camões, pegando a naus e saindo de Portugal para uma longa aventura pelos continentes e registrando em poesia a minha dor de dente.

À tarde, sou apenas nuvens envolvido pelas correntezas dos ventos sem ligar para os tormentos de ciclones naturais, que são sinônimos de vendavais.

À noite, sou estrela a procurar o que não posso encontrar e nem dispor do que tenho a propor.

Contudo, pareço-me aluado, toda vez que escrevo no infinitivo entre os verbos e os pontos finais que se encontram nas livrarias e nas bancas de jornais. Nesse instante, enfatizo as histórias que fiz do Atlântico ao Japão para transformar a vida em prosas consumidas por leitores de plantão.

Décio Machado.

Adaflor